

**Gabriela de Santana Oliveira (GS)**

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)  
E-mail: gabrielasantana1611@gmail.com

**Francisco Inaldo Lima Lisboa (IL)**

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)  
E-mail: franciscoinaldo@ifma.edu.br

---

## Entrevista com Benedito Bogéa Buzar

### *Interview with Benedito Bogéa Buzar*

Entrevista exclusiva para a revista eletrônica Pergaminho, realizada em 16 de janeiro de 2024, na sede da Academia Maranhense de Letras (AML), em São Luís - MA.

Nascido na cidade de Itapecuru Mirim em 17 de fevereiro 1938, é advogado, formado na Faculdade de Direito do Maranhão. Atuou na docência como Professor de Ciência Política do Curso de Administração Pública da UEMA. Exerceu vários cargos no setor público, como presidente do SIOGE (Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado), presidente da MARATUR (Maranhão Turismo), Secretário de Estado da Cultura do Maranhão - SECMA, entre outros. Como jornalista, foi colaborador em alguns dos principais periódicos maranhenses, além de manter no *Jornal do Dia*, a coluna diária “Roda Viva”, que assinava sob o pseudônimo de J. Amparo. Tempos depois essa mesma coluna passou a ser publicada no *Jornal O Imparcial* e, por último, no jornal *O Estado do Maranhão* na versão impressa e no formato eletrônico, também era publicada no *Blog do Buzar*. Ainda na esfera do jornalismo, produziu e apresentou o programa de entrevistas “Maré Alta”, que manteve na TV Ribamar entre 1978 e 1980.

Foi Deputado Estadual e teve seu mandato cassado em 1964, por ocasião do golpe militar. Em 2013, o mandato lhe foi devolvido simbolicamente pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão. Pesquisador e escritor, publicou várias obras, como: *A Greve de 51: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís* (1983); *Politiqueiros, Politicalha, Politiquice, Politicagem e Política do Maranhão* (1989); *Neiva Moreira: o jornalista do povo* (1997); *O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão - 1945 a 1965* (1998); *Vitorinistas e oposicionistas* (2001); *Os 50 anos da Greve de 51* (2001); *No Tempo de Abdala era Assim* (2011), *O dia a dia da História de Itapecuru Mirim* (2014), *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (Org. 2018). Membro da Academia Maranhense de Letras (AML) desde 10 de agosto de 1990, presidiu a Instituição em

quatro mandados: primeiro em 2011 (um mandato tampão); depois de 2012 a 2014; de 2014 a 2016 e de 2016 a 2018. Também é membro fundador da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA) fundada em 07 de dezembro de 2011, tendo sido seu primeiro presidente. Já foi agraciado com diversos prêmios e honrarias.

**G.S.:** Ao conhecer sua trajetória, chama nossa atenção o fato de você ter transitado por tantas áreas: no Direito, no Jornalismo, na Docência, na Política, nas Letras. Diga-nos, por favor, como todos esses fazeres foram surgindo e se articulando.

**BUZAR:** No Direito, eu não tive nenhuma participação, pois nunca advoguei. Cheguei até a fazer parte da OAB, mas não militei na advocacia. Nunca tive interesse. A política e o jornalismo conseguiram ser mais fortes.

Na Política foi que eu entrei mais cedo. O fato de meu pai, Abdala Buzar, ser um político muito forte em Itapecuru-Mirim, onde foi perfeito algumas vezes, foi importante. Acontece que durante o período que eu estudava para ingressar na faculdade, no Rio de Janeiro, acabei me envolvendo com uma certa militância política. No Rio, existia uma associação de estudantes maranhenses, da qual João Alberto (ex-governador do Maranhão) foi o presidente. Foi lá que eu me interessei muito por essa militância política, sobretudo política de esquerda. Esse envolvimento despertou meu interesse em atuar na política no meu Estado, aproveitando o fato de o meu pai ser prefeito nessa época. Assim, voltei ao Maranhão e comecei a trabalhar pela minha candidatura. De início, meu pai não gostou da ideia e dizia: “Rapaz, larga esse negócio de política. Isso não serve para ninguém. Tu vais gastar tempo, tu tens que estudar. Era melhor que tu ficasses realmente com o teu curso de Direito e depois viesse para cá”. Superei essa resistência e ele terminou se convencendo. Eu tinha apenas 22 ou 23 anos, mas já tinha uma cabeça feita para a política. Gostava muito de ler sobre política e o grupo onde militava, no Rio de Janeiro, era de esquerda. Então, fui candidato em 1962 a deputado pelo PSP (Partido Social Progressista). Eu me elegi praticamente em Itapecuru, fiz uma campanha muito forte lá, de casa em casa. Fui eleito Deputado Estadual na primeira eleição, em 1962. Fui o terceiro mais votado do partido. Na Assembleia, tomei parte do grupo que era de oposição, formado por Sálvio Dino, pai de Flávio Dino, de quem sou padrinho.

Quando veio o Golpe Militar, os governistas procuraram exatamente nos minar, nos denunciar, dizendo que éramos comunistas. Razão pelas quais os militares se aproveitaram para pressionar

a Assembleia para cassar os nossos mandados, o que aconteceu numa sessão especialmente dedicada a pressionar os deputados para a extinção de nossos mandatos políticos. Quando Sarney assumiu o governo, embora eu não tivesse apoiado a sua candidatura para o governo do Estado, cuja eleição se deu em 1966, fui convidado para fazer parte de sua equipe de governo, passando a integrar um grupo de jovens técnicos que fizeram parte de um órgão chamado SUDEMA (Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão), que era encarregada de planejar o processo de desenvolvimento estadual.

Nessa época também fui convidado por Bandeira Tribuzi para escrever uma coluna política no *Jornal do Dia*, foi aí que nasceu a Roda Viva (numa alusão ao título de uma música do cantor e compositor Chico Buarque que fazia muito sucesso na época). Aos poucos essa coluna foi se impondo na base da política e ganhou muita receptividade nos meios políticos. No auge da popularidade jornalística deixei o *Jornal do Dia* por um desentendimento político, razão pela qual fui convidado imediatamente pela direção do *Jornal O Imparcial* onde continuei a publicar a Coluna Roda Viva, mantendo o formato e o mesmo conteúdo. Foi dessa forma que comecei a fazer jornalismo. Algum tempo depois, Sarney comprou o *Jornal do Dia*, que passou a se chamar *O Estado do Maranhão*. Nunca mais deixei de escrever para jornal. Também escrevi no *Correio do Nordeste*, de Zuzu Nahuz.

Nessa ocasião recebi um convite para ministrar a disciplina Ciência Política, no curso de Administração que precedeu a FESME (Federação Universitária do Maranhão) e depois virou a UEMA (Universidade Estadual do Maranhão). Naquela época, ainda não existia a cidade universitária Paulo VI. Só existiam os cursos Administração e Agronomia. Eram cursos isolados, criados para atender às necessidades do Estado. Fiquei e gostei. Trabalhei na docência até me aposentar.

**G.S.:** E nas Letras? Como surgiu o convite para participar da Academia Maranhense de Letras?

**BUZAR:** O primeiro livro que escrevi - *A Greve de 51: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís* - trata da greve que houve contra Eugênio Barros, que foi eleito pelo governo em uma eleição muito fraudulenta. A oposição resolveu fazer um movimento na praça João Lisboa. A cidade era muito oposicionista. O comércio foi fechado. As pessoas ficaram mais de trinta dias concentradas na praça. Houve mortes, o Exército teve que intervir. Esse movimento redundou numa greve que paralisou a cidade. Getúlio Vargas, que era o presidente da república, resolveu

nomear um interventor enquanto se preparava uma outra eleição. Eu comecei a me interessar muito por esse assunto, passei a pesquisar nos jornais da época para ver como escrever sobre essa greve e terminei escrevendo o livro.

Na época em que publiquei esse livro, Jomar Moraes era o presidente da Academia Maranhense de Letras. Eu sempre gostava de ver as reuniões, as posses, mas nunca passou pela minha cabeça que iria ser membro da academia. Para surpresa minha, recebi um convite de Jomar Moraes para eu ocupar uma cadeira, a número 13, que foi de Fernando Perdigão. Recusei o convite, porque achava que não me sentia preparado para ocupá-la. Mas ele insistiu, garantindo que me apoiaria na eleição. Terminei aceitando e não tive concorrentes. Entrei, fiquei e comecei a me interessar mais por isso, eu sempre li muito, principalmente política e romance. Eu lia Humberto de Campos e Eça de Queiroz. Fui me tornando um intelectual. Na minha vida as coisas foram acontecendo assim, muito sem eu querer, nunca tive uma meta. Então, eu escrevi outros livros, mas sempre sobre política. Não fui poeta, nunca escrevi ficção. Escrevi ensaios políticos, depois fiz o livro *O Vitorinismo: lutas políticas no Maranhão* - e esse foi um livro que eu ganhei um bom dinheiro. Fiz cinco edições e a cada edição ele era muito bem recebido. Depois eu fiz *Vitorinistas e Oposicionista* e assim por diante.

**I.L:** Buzar, conte-nos mais um pouco sobre como foi o processo de criação do livro *A Greve de 51*?

**BUZAR:** Eu comecei a escrever em capítulos, estes eram publicados no *Jornal do Dia*. Todo esse material era publicado numa página aos domingos. Depois resolvi reunir tudo isso e transformei num livro. Foi lançado na praça João Lisboa e foi um grande sucesso. Eu escolhi a Praça João Lisboa para o lançamento, porque era o local onde as oposições se reuniam e faziam os movimentos de mobilização.

**I.L:** Por que você nunca fez uma segunda edição desse seu primeiro livro?

**BUZAR:** Foi porque quando escrevi o livro *O Vitorinismo: lutas políticas no Maranhão*, incluí o conteúdo de *A Greve de 51* nele, porque aquilo tudo foi um episódio que estava dentro do contexto do vitorinismo. Mas também incluí muitas outras matérias que eu já havia publicado nos jornais.

**I.L:** Buzar, você também ocupou vários cargos no Estado, fale-nos desses momentos.

**BUZAR:** O primeiro cargo que ocupei foi de técnico da SUDEMA, no governo Sarney. Posteriormente, no governo de João Castelo, que foi meu colega de turma no Colégio Marista, fui convidado para ser presidente do SIOGE (Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado). Depois, no Governo de Edson Lobão, fui para a MARATUR (Maranhão Turismo). Quando João Alberto se tornou governador, ele me nomeou Secretário de Estado da Cultura. Época em que tomei a iniciativa de restaurar a antiga cadeia pública de Itapecuru Mirim, que consegui com o apoio do governador João Alberto e foi criada a Casa da Cultura.

No governo de Roseana Sarney (1999-2002), as Secretarias foram transformadas em Gerências Gerais e Regionais. Itapecuru Mirim ficou como cidade polo de uma gerência regional, para a qual fui convidado pela governadora Roseana Sarney para ser o seu gerente. Eu pretendia ser prefeito de Itapecuru Mirim, aliás é uma das coisas que sempre digo: na minha vida política só há uma parte que não me perdoou, não ter sido prefeito de Itapecuru Mirim. Nunca nem me candidatei, e o interessante é que eu participava de todos os movimentos políticos dos candidatos de lá e, praticamente, todos os que eu apoiava, ganhavam.

Nessa época, João Silveira ainda era vivo e insistia na ideia de que deveríamos criar uma academia de letras em Itapecuru Mirim. Ele morreu antes de ver a academia fundada, mas ajudou muito, informou o nome das pessoas que deveriam fazer parte. Eu botei essa academia para funcionar. (A Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes – AICLA - foi fundada em 07 de dezembro de 2011).

**G.S:** Ainda falando de sua biografia, é possível notar que você mantém viva a memória de seus familiares, do seu pai, por exemplo, e que não desfez os laços com sua terra natal, Itapecuru Mirim, apesar de ter saído de lá ainda criança para estudar na capital do Estado. Fale-nos um pouco sobre esses vínculos.

**BUZAR:** Nunca me desliguei de Itapecuru. Meu pai sempre morou lá. Minha família tinha um comércio muito forte. Meus avós vieram do Líbano, fugindo da guerra. Foram para a França, de lá pegaram um navio e vieram para o Brasil. Foram parar em Juazeiro, na Bahia. Minha avó estava grávida. Da Bahia para cá eles vieram em vários meios de transportes. E eles vieram como andarilhos, porque não havia estradas e os meios de transportes eram pelos rios. Além

disso, nem todos os lugares tinham embarcação e onde não tinha embarcação eles alugavam animais. Minha avó terminou tendo o filho ao longo da viagem (primeiro filho José Buzar). Quando eles chegaram a Itapecuru, já havia um primo de meu avô por lá. Os libaneses vinham assim, quem se instalava começava a puxar os parentes. Então, quem tinha parente, chamava o parente para vir para cá e eles acabaram vindo para o Maranhão. Eles eram destemidos, trabalhavam de qualquer jeito, com condições ou não e entravam geralmente no comércio. Daí terminavam ficando na cidade de Itapecuru Mirim

**G.S:** Você poderia nos contar como era a Itapecuru Mirim de sua juventude? Do que você tem mais saudades?

**BUZAR:** Naquela época Itapecuru Mirim era uma cidade pacata, não vou dizer que não existia movimento na política, aliás era somente nesses momentos que as relações ficavam mais tensas, porque sempre havia esses pequenos conflitos. No geral, era uma cidade calma, onde todos se conheciam e se davam bem. Ela começou a crescer em termos da administração públicas nos anos 50 (século XX), com o prefeito Miguel Fiquene. Foi quem fez a sede da prefeitura. Eu fiz o primário todo em Itapecuru no grupo Escolar Gomes de Souza, foi meu pai, inclusive, quem o construiu. Havia uma professora chamada Celestina Nogueira da Cruz, ela não nasceu em Itapecuru, mas era filha de itapecuruenses e quis vir para Itapecuru. Quando ela chegou na cidade, eu estava no segundo ou terceiro ano do primário, ela me acompanhou durante todo o curso primário em Itapecuru Mirim. Após seu término, vim para São Luís fazer o exame de admissão e continuei meus estudos até o nível superior. Em Itapecuru, por outro lado, já havia umas pessoas que escreviam: Luiz Bandeira, Nonato Ferraz e João Silveira, este era mais novo, mas também já participava, e Mariana Luz.

Inclusive, Mariana Luz foi quem me alfabetizou. Ela cuidava de alfabetização. Ela era malvista, diziam que ela não podia olhar para flores, que as flores murchavam, que ela era bruxa. Mesmo quando ela estava viva as pessoas falavam muito dela. O pessoal de Itapecuru Mirim nunca deu valor para Mariana Luz. O pessoal que morava em São Luís, ou de outros lugares, que tinha contato com as letras, é que dava valor a ela; era quem a visitava em Itapecuru Mirim.

Também havia outros intelectuais na cidade, juízes e os promotores que iam para lá e participavam das atividades. Nós nos divertimos, como criança, jogando bola, peteca. Tinham as festas religiosas que eram muito frequentadas. Cada festa religiosa tinha os padrinhos que se

encarregavam de fazer a festa. Papai era encarregado de fazer a festa de São Benedito, sempre foi devoto. Ele sozinho fazia a melhor festa que acontecia por lá; Seu Chico Nogueira fazia a festa da Cruz; Seu Raimundo Veras fazia a festa do Divino Espírito Santo; a de Nossa Senhora das Dores, eu não lembro direito, mas acho que era feita pelos membros da própria igreja. Era uma cidade gostosa, havia muitos músicos, a cidade sempre teve muitos músicos. Essas festas eram muito bonitas. Quem as animava, tanto as festas particulares, os bailes, como as festas do Largo, eram os músicos itapecuruenses. Itapecuru Mirim sempre foi uma terra muito pródiga de músicos. Nós tivemos grandes músicos: Joaquim Araújo, Carlos Bezerra, Feliciano Lopes. Os mais velhos ensinavam os mais jovens. Uma boa profissão em Itapecuru era ser músico. Havia muitas festas e eles animavam as do município e das outras cidades vizinhas.

Quando era época do festejo de São Benedito, papai saía pelas ruas com uma banda para arrecadar joias (donativos para o leilão que era realizado no festejo). Papai gostava de música e dos bailes. Na cidade, não existiam clubes sociais. As festas eram realizadas em casas particulares. Quando alguém queria fazer uma festa, diziam: “Vamos fazer na casa no Chico Nogueira”. Ou, então, iam pedir qualquer casa emprestada. Naquela época, eram festas onde havia discriminação racial. Havia os “bailes de primeira”, nas quais não entravam negros. O negro poderia ter a sua família dotado de certo recurso, mas eles não participavam, eles só participavam dos chamados “bailes de segunda”, que eram as festas onde os negros podiam participar. Isso perdurou até os anos 60 (século XX), quando começou a se pensar em criar um clube social. Só assim é que veio a acabar com essa separação de “baile de primeira” e “baile de segunda”. As famílias que tinham recursos, faziam parte da sociedade e foi aí que aconteceu a fundação do Itapecuru Social Clube, meu pai foi o primeiro presidente.

Na gestão do prefeito João Rodrigues, na década de 60, chegou o progresso: a televisão, ele mandou fazer um pedestal e colocou um aparelho de TV na praça. Gomes de Souza. Quase toda população ia para a praça assistir à televisão.

**G. S.:** E como era a cidade de São Luís?

**BUZAR:** São Luís naquela época também era uma cidade muito boa, todo mundo se conhecia, todo mundo ia à praça João Lisboa. Lá era um centro de reuniões da cidade, tudo acontecia lá. Festas religiosas, lazer e reuniões políticas. Quando fui para São Luís, primeiro fui interno durante dois anos no Colégio Maristas. Os clubes funcionavam no centro da cidade, o Cassino

Maranhense, à época na Rua Grande; a primeira sede do Lítero foi na praça João Lisboa. Na segunda-feira de carnaval acontecia o baile do teatro. Os clubes não faziam festa, a festa era no teatro em benefício da assistência social promovida pela primeira-dama do Estado. Muita gente ia para essa festa.

**I.L:** Quando você veio morar na capital, o que mais te seduzia?

**BUZAR:** Uma das coisas que me chamava muito atenção era fumar cigarro. Eu era do internato menor e tinha o internato maior. Os maiores fumavam cigarro nos banheiros e nós menores ficávamos só olhando com uma vontade doida de fumar. Quando eu saía aos domingos, comprava uma carteira de cigarro, botava no bolso e aquilo me dava uma sensação de liberdade, porque, naquela época, tudo era proibido. Na verdade, eu nunca fui fumante. Meu pai foi fumante, inclusive morreu de câncer. Eu também nunca tive sedução por nenhum tipo de droga. Até porque, naquela época, a droga mais popular era a maconha e o usuário era muito malvisto. As pessoas logo chamavam de maconheiro.

Naqueles tempos ainda não havia a Ponte para o Bairro São Francisco (ponte José Sarney), inclusive foi o governador Sarney que mandou construir a ponte. Para ir ao outro lado do rio Anil, as pessoas tinham que atravessar de canoa ou de barco. A cidade girava em torno do centro urbano. Os grandes comerciantes todos moravam no centro. A Praia era pouco frequentada. Com relação aos cinemas, destacavam-se o Cine Roxy, o Eden, o Rival, este ficava na esquina da Rua Grande, as cadeiras dos cinemas eram de madeira. Para ir à praia Ponta d'Areia, para atravessar para o outro lado, tínhamos de ser transportados de barcos, nos quais embarcávamos no Cais da Sagração. Para se ir ao Olho d'Água, o transporte era de caminhão, pegávamos esse transporte perto do Liceu. Eles colocavam aqueles bancos toscos de madeira no caminhão, enchiam de gente e, assim, as pessoas iam. As festas se realizavam no Cassino ou no Lítero, pois ainda não havia o Jaguarema. Eu conheci minha esposa aqui em São Luís.

**I.L:** A morte te preocupa?

**BUZAR:** Eu não me preocupo com isso, porque se eu fosse um cara doente, se fosse dependente de alguma coisa, já estaria fora de combate há muito tempo. Sou um cara que não tem doenças. Agora que está me dando uns esquecimentos, mas eu sempre tive a cabeça muito boa. Quando eu digo minha idade as pessoas não acreditam.

**I.L:** Você já pensou em sair do Maranhão?

**BUZAR:** Não. Eu só passei um período do Rio de Janeiro, quando fiz o preparatório para ingressar no curso superior, mas eu nunca pensei em ir embora do Maranhão. Gosto demais daqui, sou muito agarrado com as minhas coisas, com São Luís, com as coisas de Itapecuru Mirim. Se eu pudesse eu estaria morando em Itapecuru, mas a minha família reside em São Luís.

**I.L:** Como começou a tua amizade com Sarney?

**BUZAR:** Minha amizade com Sarney nasceu na campanha de 1962, quando eu fui candidato a deputado estadual e ele a deputado federal. Ele era da UDN (União Democrática Nacional) e eu do PSP (Partido Social Progressista). Ele se elegeu e eu me elegi, mas eu era mais ligado ao Neiva Moreira. Formávamos as oposições coligadas que definiram ser ele o candidato da oposição a governador nas eleições de 1965.

**I.L:** Teu pai era governo, você era oposição. Como é que se dava essa relação da política entre pai e filho.

**BUZAR:** Nós nos dávamos muito bem. Ele fazia a política dele lá pedindo voto para Líster Caldas que era PSD, candidato a deputado federal, e eu fazia pedindo voto para deputado estadual pelo partido de oposição.

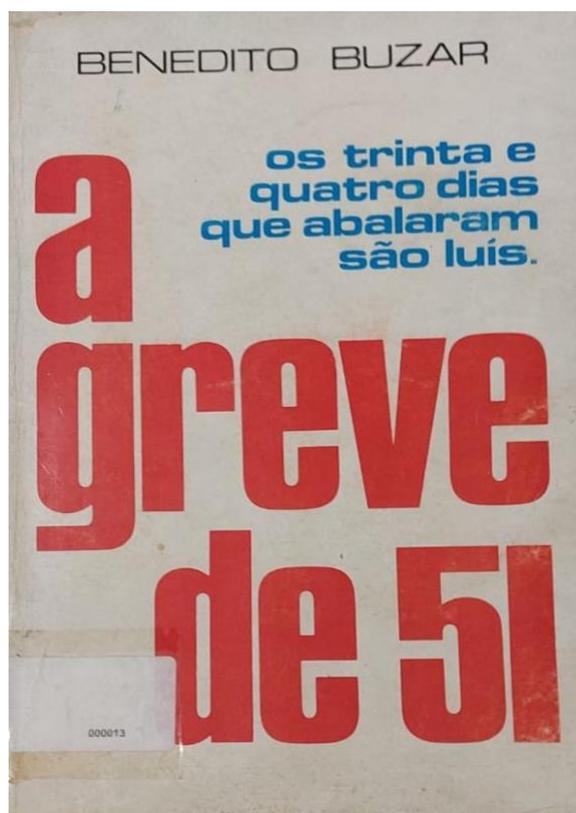
**G. S.:** Em outras entrevistas, em mais de uma ocasião, você mencionou que o golpe militar foi recebido no Maranhão sem grande resistência. A que você atribui essa aparente apatia?

**BUZAR:** Os políticos que lutavam contra o golpe de 64 (século XX) não eram muito expressivos. O deputado que tinha mais força era o Neiva Moreira, que fazia uma oposição mais forte. Os militares aqui eram todos maranhenses, então aqui no Maranhão não houve um grande movimento de pressão ou cassação de mandato. Eu nunca fui chamado ao 24<sup>a</sup> BC para depor. Salvio Dino ainda chegou a ser preso com o pessoal que fazia política em Imperatriz. Ele carregava a bandeira da oposição. Eu só fui chamado ao 24<sup>o</sup> BC, uma vez, por uma situação muito engraçada. Eu escrevia no jornal e um dia foi comemorado o “Dia do cavalo”. As pessoas falavam tanto que o cavalo teve muita importância na economia brasileira, por isso resolveram homenagear o animal. Eu escrevi uma nota, dizendo que o cavalo realmente merecia essa

homenagem, porque ele tinha muito mais valor do que alguns heróis que andavam pelo Brasil. Um belo dia chegou um oficial do exército me procurando e me entregou um documento, pedindo para eu comparecer ao 24<sup>a</sup> BC para falar com o coronel Alberto Braga. Antes de sair de casa eu avisei para Solange: “Te prepara aí, eu não sei se vou voltar para casa hoje”. Quando cheguei lá, o coronel estava muito zangado, mas depois ele ficou até meu amigo. Quando eu entrei, ele estava com o jornal em cima da mesa, circulado em vermelho, e aí ele perguntou: “Foi você que escreveu isso?”. Eu disse que sim. Ele continuou: “Por quê? Você tem mágoa de nós militares? É por isso que você resolveu nos comparar com os cavalos?”. Eu respondi: “Coronel, eu não escrevi com essa intenção”. Mas ele não arredava. Aí, com toda prepotência que eles tinham naquela época, porque estavam mandando no país, prendiam de forma arbitrária e depois de falar muito e de fazer ameaças, ele declarou: “Você pode ficar aguardando o retorno da comunicação que eu fiz para o 4<sup>o</sup> Exército”. Na época o 4<sup>o</sup> Exército ficava em Recife, e o comandante era o general Justino Alves Bastos. Fiquei esperando. Depois fui falar com o governador, que era Sarney, expliquei o que estava acontecendo, disse que estava sendo ameaçado e que estava com medo, então pedi para ele fazer alguma coisa por mim. Sarney disse que ia falar com o general. Acho que ele falou com o Braga e o caso não foi para frente. Depois disso, eu sempre tinha cautela, porque era uma liberdade vigiada. Eu evitava escrever sobre os militares, escrevia mais sobre questões regionais, não me metia muito na política nacional. Enfim, essa foi a única vez que recebi uma intimação.

No período em que foi feita essa entrevista Buzar estava focado no lançamento de uma série de coletâneas com textos que foram publicados em sua coluna Roda Viva, ao longo de vários anos. A primeira seleção será do ano de 1972.

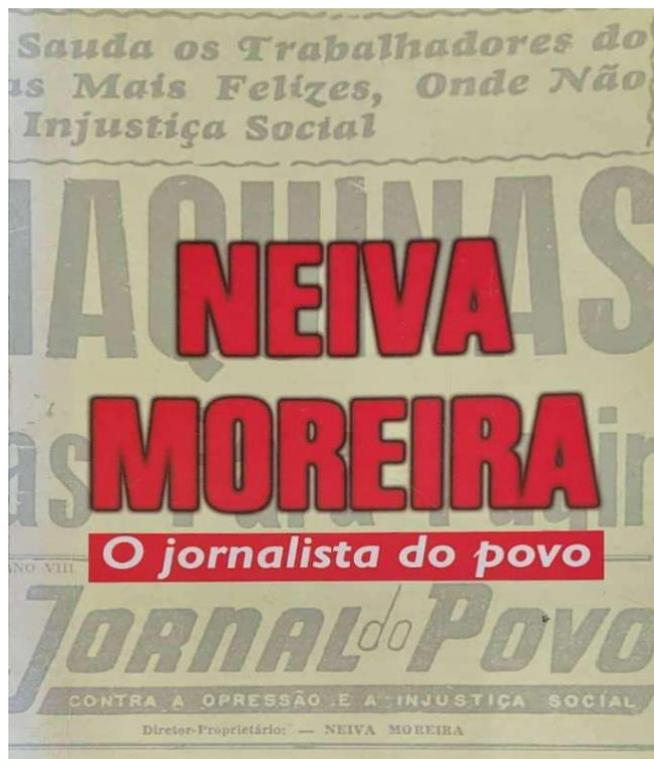
Vamos aguardar para ler.



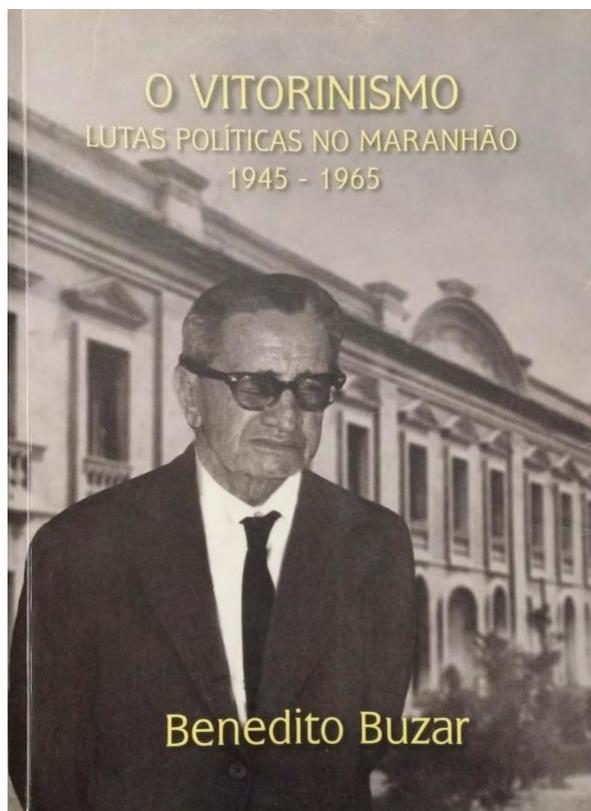
**A greve de 51: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís (1983).**



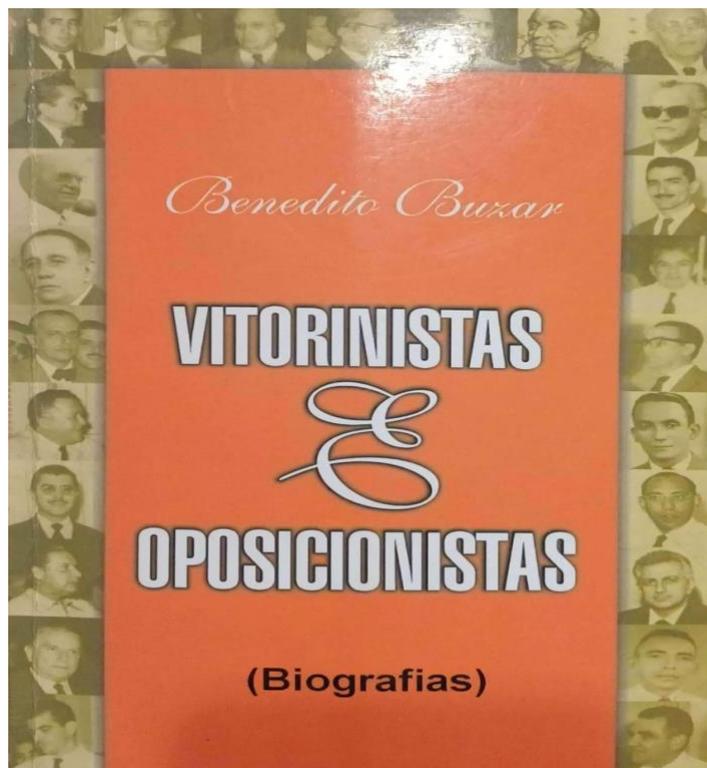
**Politiqueiros, Politicalha, Politiquice, Politicagem e Política do Maranhão (1989).**



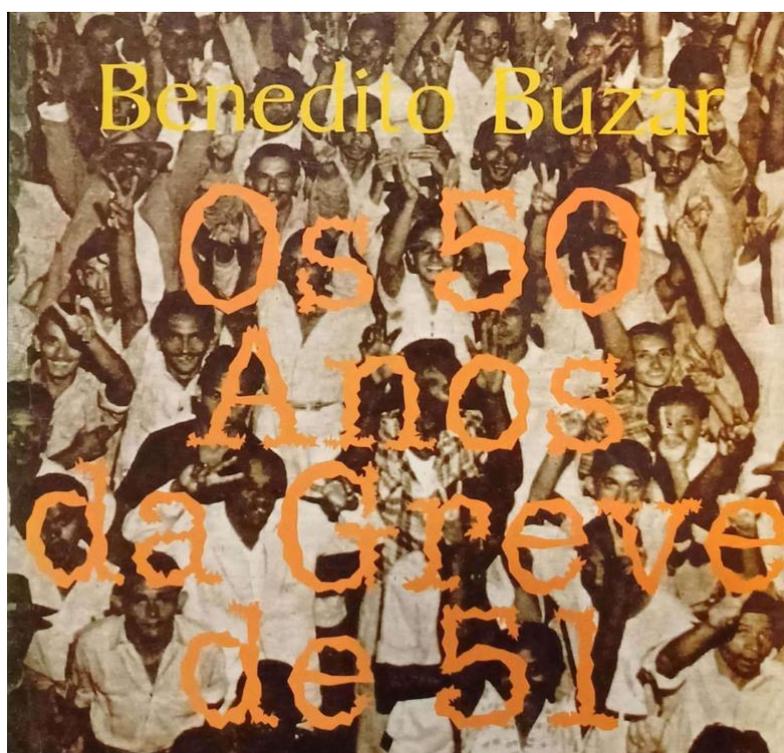
**Neiva Moreira:** o jornalista do povo (1997).



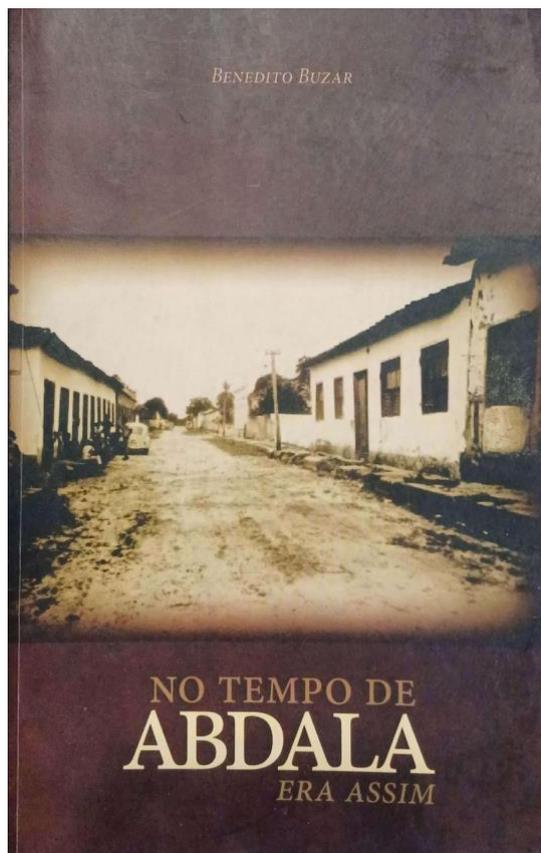
**O vitorinismo:** lutas políticas no Maranhão - 1945 a 1965 (1998).



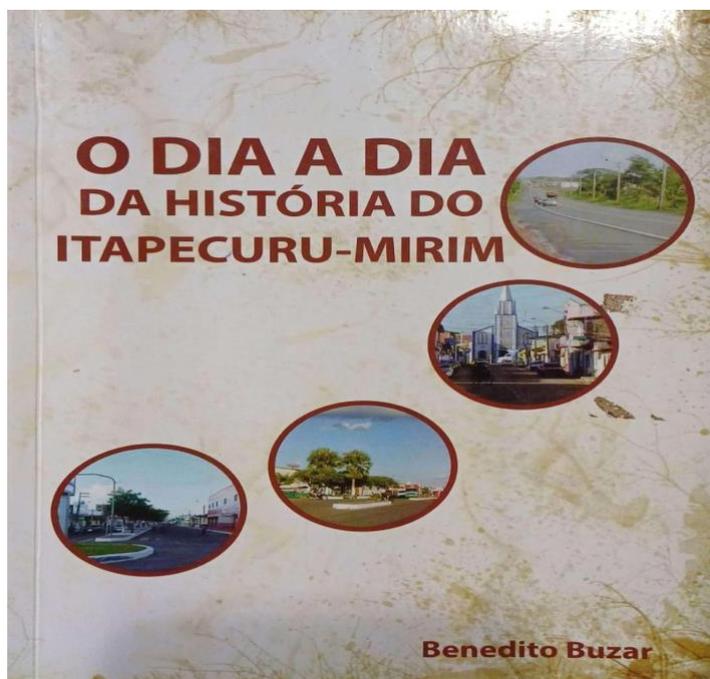
Vitorinistas e oposicionistas (2001).



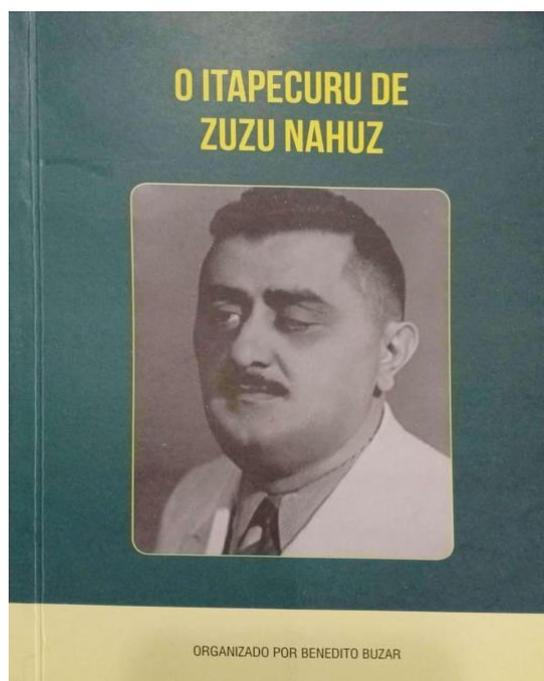
Os 50 anos da Greve de 51 (2001).



**No Tempo de Abdala era Assim (2011).**



**O dia a dia da História de Itapecuru Mirim (2014).**



**O Itapecuru de Zuzu Nahuz (Org) (2018).**